

A TRANSFORMAÇÃO DO PARQUE PRODUTIVO EM WAREHOUSE DE IMPORTADOS

É indispensável que as empresas nacionais tenham condições de competitividade global

Antonio Carlos Kieling*

HOJE, QUANDO se discute comércio internacional, o foco se concentra, fundamentalmente, na geração de mais ou menos saldos na balança de pagamentos do país. Essa discussão é importante porém não engloba toda a dimensão do problema. O tema “comércio internacional” transcende a mera criação de superávits comerciais. A questão tem que ser tratada como de *estratégia de nação* e, no caso brasileiro, essa dimensão se afirma cada vez mais relevante e com reflexos agudos sobre a economia como um todo.

Vivemos um período que se convencionou chamar de “era da hiper-competitividade”, cuja principal característica é o encurtamento constante dos ciclos de inovação. Essa nova realidade traz consigo algumas consequências inevitáveis e definitivas. Destaco três: 1) oferta de grande número de novos produtos com baixa diferenciação e tendência generalizada à *comoditização*; 2) disputa por preços na medida em que a inovação torna todos os produtos muito semelhantes; 3) rápida desatualização dos processos produtivos.

O Brasil, em particular nesta década, galgou a posição de um grande produtor mundial em diversos setores – de cerâmica de revestimentos a aviões, consolidando um incomparável segmento de agronegócio. Por suas próprias conquistas e em um contexto de economia mundial favorável, o país encontra-se bem posicionado e com um mercado interno em franca expansão.

A construção de um consistente parque produtivo foi fruto de um contínuo processo de mudanças que aconteceram no país ao longo das últimas décadas.

Nesse longo período, ocorreram significativas conquistas políticas e institucionais, mas a segunda abertura dos portos brasileiros, ocorrida no início da década de 1990 (a primeira foi com Dom João 6º, em 1808), expôs a indústria brasileira a um quase colapso estrutural.

O caminho de recuperação foi longo e penoso. As empresas nacionais tiveram que se reinventar. Fortes investimentos, busca de tecnologia, inovações, reengenharia, fusões, consolidações, falências, endividamento, comprometimento de patrimônios, etc. fizeram a agenda de mais de uma década de redesenho da indústria nacional. Boa parte dessa conta também foi paga pelos trabalhadores em processos de automação e modernização para obter ganhos de competitividade e fazer frente a um mercado globalizado.

Porém, para a consolidação de um mercado doméstico pujante e a construção de uma economia sustentável, não basta ao Brasil um mercado interno ávido por consumir. São necessários, entre outros, dois ingredientes fundamentais: geração interna de emprego e renda e um parque produtivo que esteja aparelhado adequadamente para abastecer esse mercado, em grande parte de suas demandas, dentro de um contexto industrial de integração da cadeia produtiva.

É indispensável que as empresas nacionais tenham condições de competitividade global, em igualdade com seus principais concorrentes mundiais, para que possam ser a principal fonte supridora desse mercado doméstico.

Em condições adversas e inferiorizada com relação à concorrência inter-

nacional, a indústria brasileira perde competitividade e passa a abrir espaço à importação generalizada, pois os bens que ela produz podem ser trazidos do exterior a custos vantajosos. Esse processo desencadeará o abandono gradativo de inversões em atualização industrial e ampliação de linhas de produção. Sem investimentos contínuos e com a grande velocidade do processo de inovação, a indústria nacional estará desatualizada em curto espaço de tempo. Será mais compensador importar a produzir internamente. A própria indústria tomará a iniciativa nessa direção. E, inevitavelmente, o forte parque produtivo doméstico se transformará num imenso *warehouse* de materiais importados. Não restará alternativa às empresas que não o de se curvarem à importação e passarem de produtores a grandes armazéns de distribuição de produtos, muito provavelmente *made in China*, transferindo para além fronteiras centenas de milhares de empregos.

Essas afirmativas não são ficção ou meras especulações futuristas. De fato, o vírus da desindustrialização já foi inoculado na economia brasileira. São fortes os indícios e seus efeitos já se fazem presentes em diferentes setores produtivos. Eletroeletrônicos, brinquedos, têxtil, calçados, entre outros já estão em acelerado processo substituição da produção nacional por importados.

O caso mais recente passa a ser a indústria de materiais de construção civil, antes imune à concorrência internacional (leia-se chinesa). Esse setor vem, em velocidade nunca vista, perdendo competitividade e, consequen-

temente, mercado para a importação desenfreada.

O perfil da indústria brasileira é muito diversificado e quase único, com acentuada vocação a produção de *comodities*, tendo atrás de si, em largo espectro, um espelho chinês. Diferentemente, outros grandes *players* mundiais – como EUA, Japão e Comunidade Européia – têm competências mais centradas em produção de alto valor agregado, geração de tecnologias avançadas e serviços.

As empresas brasileiras estão investindo à medida do possível e continuarão a fazê-lo. Porém não há como conquistar competitividade em condições tão adversas como as que são enfrentadas pelo produtor nacional na atualidade.

Não é difícil a constatação dessa perda acelerada de competitividade. Basta a análise primária de alguns indicadores: altos juros praticados no país, elevado custo de energia, déficit em infra-estrutura, custos de comunicação, burocracia, carga tributária, câmbio, entre outros.

A evolução do preço do gás natural ofertado em São Paulo mostra como ocorre a perda de competitividade industrial. Entre setembro de 2004 a setembro de 2010, o custo do gás boliviano saltou de US\$ 3,30 para US\$ 8,00 por MMBT, o que representou um aumento de 142%, e o gás produzido no Brasil avançou de US\$ 2,88 para US\$ 10,66 por MMBT, ou seja, um aumen-

to de mais de 270%. Comparativamente, a taxa cambial flutuou de forma negativa, em 40,5%, contra um IPCA de 33,71%. Dessa forma, enquanto os custos de energia são acentuadamente crescentes, a remuneração das exportações decresce, imputando serias perdas aos produtores, tanto em receita como em competitividade em relação à concorrência internacional. A mesma lógica tem sido a marca de todo e qualquer índice/indicador que se analise, isto é custos em elevação constante contra remuneração decrescente.

A indústria nacional de cerâmica para revestimentos é um bom exemplo do impacto dessa realidade. Na última década, o Brasil se transformou no segundo produtor e consumidor mundial de revestimentos e sempre esteve entre os três principais exportadores. Tal protagonismo foi fruto de um amplo programa estratégico de internacionalização setorial, com o objetivo de compensar o longo período de estagnação por que passou a indústria da construção civil no país. Tal processo tinha o propósito de incorporar padrões globais de competência e competitividade ao setor produtivo e como meta exportar cerca de 40% da produção nacional. Para isso, foi necessário realizar fortes investimentos na modernização do parque fabril, unificação da matriz energética em torno do gás natural, aplicação de grandes recursos em promoção comercial, apoio

da Apex-Brasil, lançamento de novos produtos, desenvolvimento de *design*, criação de uma feira internacional, entre outras iniciativas.

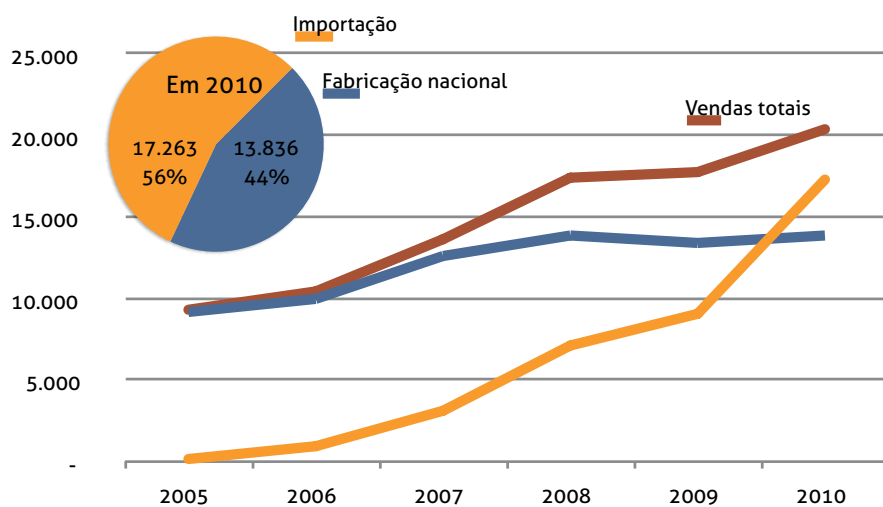
As exportações setoriais de cerâmica, que chegaram a atingir índices de quase 30% da produção nacional, hoje são inferiores a 8% do volume produzido. As importações de porcelanato no país já superam a própria produção nacional, com tendência de agravamento desse quadro. O gráfico mostra vendas crescentes de porcelanato técnico ao longo dos últimos anos. Porém, observa-se que as vendas desse produto fabricado no Brasil está praticamente estável nos últimos três anos. Em contrapartida, as importações dispararam e, neste ano, ultrapassarão as vendas do porcelanato fabricado internamente. Em 2010, o porcelanato importado deverá representar mais de 55,5% do produto comercializado no mercado interno.

Há a necessidade urgente de desenhar um consistente programa de competitividade nacional, associado a uma eficaz estratégia de comércio exterior para o Brasil. A falta de condições de competição em igualdade de condições com seus grandes concorrentes mundiais desencadeará um acelerado processo de desinvestimento industrial no país, com conseqüências claramente previsíveis e nefastas.

De nada valerão as políticas públicas, grandes programas sociais e massivas inversões em infra-estrutura se tais investimentos não promoverem a geração de renda no país. Sem um parque produtivo competente e atualizado, todo esse esforço nacional promoverá desenvolvimento, emprego e renda além fronteiras.

É mandatário e estratégico que tenhamos uma indústria atuante no mercado internacional. A condição de competência mundial dará à indústria nacional a capacidade efetiva de ser a grande fornecedora do forte mercado interno que se cria no Brasil, com a geração de emprego e renda no país. Sem investimentos contínuos e na velocidade do processo de inovação, nossa indústria estará desatualizada em curto espaço de tempo e fragilizada em relação à concorrência internacional.

Vendas de porcelanato técnico no Brasil



Fonte: Anfacer

* Superintendente da Associação Nacional de Fabricantes de Cerâmica para Revestimento (Anfacer).